

MOSTRA



Conselho Regional de Psicologia SP

MUITO A COMEMORAR, MUITO MAIS A FAZER!



Ivo Herzog deixa mensagem em mural de espaço que homenageia seu pai.

“Direitos Humanos, nossos direitos”

Em uma sala escura, imagens e depoimentos se misturam na tela contínua para retratar a luta pelos direitos humanos no país. A sala Vladimir Herzog, montada no Pavilhão Norte, emociona todos os visitantes. O espaço foi inaugurado simbolicamente nesta sexta-feira (21) por Ivo Herzog, filho do jornalista morto durante a ditadura militar, o presidente do Conselho Federal de Psicologia, Humberto Verona, e a Coordenadora da Comissão de Direitos Humanos do CFP, Ana Luiza Castro.

O espaço recebeu o nome do jornalista porque ele é um símbolo da luta pelos direitos humanos no país. Herzog morreu nos porões do Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), em 1975. Na sala, há a exibição de um filme que trata dos principais temas de direitos humanos no Brasil, como a luta antimanicomial, o direito de crianças e adolescentes, o combate à homofobia, a luta pela reforma agrária, entre outros.

Engenheiro por formação, Ivo hoje comanda o Instituto Vladimir Herzog, criado para tratar de temas ligados aos direitos humanos e à história recente do país. Ele conta que a ideia do instituto surgiu após quatro anos de análise. “A Psicologia é muito importante na minha vida. Quando meu pai faleceu, eu tinha nove anos, fiz tratamento. Mais recentemente, fiz quatro anos de análise, o que possibilitou a criação do Instituto Vladimir Herzog”.

Para ele, a homenagem ao pai durante a 2ª Mostra representa uma grande honra “Saber que a figura do meu pai é uma referência ajuda a agregar a discussão sobre direitos humanos na Psicologia, a gente vê que aquele preço que a gente pagou está trazendo mais contribuições para a sociedade”, disse.

Do lado de fora do espaço, além de frases de renomados pensadores, como Claude Lévi-Strauss e Michel Foucault, há uma área chamada “Deixe suas impressões”, onde os participantes escreveram em um mural o que sentiram e pensaram durante a exibição do filme. Após a exibição do vídeo,

Ivo escreveu a frase “Direitos humanos, nossos direitos”.

Durante a solenidade, o presidente do CFP, Humberto Verona, se emocionou ao lembrar da trajetória dos Direitos Humanos no Brasil. Segundo ele, a sociedade não pode se desenvolver sem se preocupar com as questões da garantia dos direitos sociais. “Acho que todos estamos marcados eternamente por esse compromisso pela resistência, luta, justiça e vida digna. Nós, psicólogos, temos obrigação de denunciar essas violações”.

A sala Vladimir Herzog é um dos principais destaques da 2ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia. A estudante Franciele Fernandes, veio de Vitória da Conquista, na Bahia, achou o espaço muito bem elaborado, “Os coordenadores dessa sala fizeram esse vídeo com um propósito de misturar todas essas diversidades que resultam na busca pelos direitos humanos, desde a luta antimanicomial ao direito dos índios, tudo isso busca o bem comum”.



Veja os homenageados que receberam o Prêmio Paulo Freire. Página 2

Leia entrevista com Monalisa Barros, coordenadora geral da 2ª Mostra. Página 3



Prêmio Paulo Freire é entregue a líder das quebradeiras de coco



Dona Dijé no momento em que recebe o Prêmio Paulo Freire.

A entrega do Prêmio Paulo Freire a uma das fundadoras do Movimento das Quebradeiras de Coco, que reúne mulheres do Maranhão, Piauí, Pará e Tocantins, marcou um momento de grande emoção na 2ª Mostra Nacional de Práticas de Psicologia. D. Maria de Jesus Ferreira Bringelo, ou Dijé, como é mais conhecida, ao receber a homenagem, disse com a firmeza de quem sempre lutou contra a ocupação das terras de famílias que há gerações vivem do extrativismo: “O buriti é a nossa mãe e dele tiramos todo o sustento. Por isso, precisamos que a palmeira continue de pé”.

O presidente do Conselho Federal de Psicologia (CFP), Humberto Verona, explicou que o prêmio Paulo Freire foi instituído em reconhecimento ao trabalho de pessoas que lutam pelos direitos humanos. “D. Dijé é uma mulher guerreira e este prêmio é para dar força para que a senhora prossiga em sua

missão de lutar pelos direitos dos trabalhadores”, afirmou Verona.

A ex-presidente do CFP e curadora do evento, Ana Bock, também destacou o papel da líder das quebradeiras de coco. “Sempre que escuto a D. Dijé, sinto que a minha Psicologia é ignorante, diante de tanta sabedoria de vida em sua luta pelo bem comum”, disse emocionada.

Sobre o seu trabalho, D. Dijé contou que começou a mobilizar a comunidade, mas depois conseguiu ampliar o movimento ao Pará, Tocantins e Piauí, ciente de que sozinhas as quebradeiras não conseguiriam defender a sua atividade. “Não somos donas da terra. A nossa situação ficou ainda mais grave com o avanço da pecuária extensiva nas últimas décadas. Agora estamos enfrentando uma nova ameaça. Pessoas, como o empresário Eike

Batista, estão entrando em nossas terras para explorar ouro, gás e petróleo sem pedir licença”, desabafou.

Dijé disse que as mulheres estão estudando e se organizando em comitês para defenderem os seus direitos. “A luta tem sido muito grande para aprovar uma lei no Congresso Nacional. Até agora conseguimos uma lei municipal que está beneficiando dois municípios do Maranhão, mas é preciso muito mais”, afirmou.

Sobre a vida das crianças e adolescentes dessas comunidades, ela reforçou o empenho das quebradeiras de passar as tradições culturais e a atividade econômica oferecida pelo buriti para as novas gerações. “Em nossas comunidades não podemos, por exemplo, seguir à risca o Estatuto da Criança e do Adolescente, no que se refere à proibição do trabalho. Vocês sabem que é muito difícil alfabetizar um adulto. Da mesma forma é quase impossível ensinar a um adulto a nossa atividade”, explicou.

A líder das quebradeiras foi enfática ao defender melhor qualidade de vida para essas comunidades. “Para isso, precisamos do ambiente inteiro. E não apenas do meio ambiente”.

O ex-ministro Paulo Vanucchi, ativista pelos direitos da mulher negra, Janaina Oliveira e a desembargadora Kenarick Boujikian também receberam o Prêmio Paulo Freire por sua contribuição à promoção dos Direitos Humanos no Brasil. A entrega foi feita pelo presidente do Conselho Federal de Psicologia, Humberto Verona.



Expediente

Realizadores:

Conselho Federal de Psicologia (CFP)
Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP SP)
Federação Nacional dos Psicólogos (Fenapsi)
Curadoria da 2ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia

Jornalista responsável:

Cristina Bravo

Repórteres:

Ayla Farias
Carolina Menkes
Christiane Gomes
Daniella Jinkings
Eliana Lucena
Flávia Medeiros

Tiragem:

6.000 exemplares

Fotos: ASCOM

"A 2ª Mostra ainda vai reverberar muito"

Durante esses três dias, a 2ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia demonstrou o crescimento expressivo da profissão. Foram mais de 150 atividades que refletiram a diversidade e a maturidade da atividade psicológica nos dias de hoje.

Esse grande encontro da Psicologia vai ficar marcado na memória. Segundo a coordenadora geral da 2ª Mostra e conselheira do Conselho Federal de Psicologia, Monalisa Barros, a Mostra é a grande oportunidade de fazer o reconhecimento do que a **Como**

categoria quer para os próximos 50 anos.

"Temos de saber o que fomos e o que somos, para sabermos o que seremos", foi com essa frase do educador Paulo Freire que ela pontuou os bastidores e os reflexos futuros do evento.

foi o processo de construção de um evento tão grande, tão diversificado?

A 2ª Mostra é o resultado de 16 meses de um trabalho intenso que envolveu mais de mil pessoas, incluindo curadoria, grupo de funcionamento com um representante de cada estado brasileiro, comissão de programação, pareceristas, além de funcionários e conselheiros dos Conselhos Federal e Regional, da Federação Nacional dos Psicólogos (Fenapsi) e produção técnica.

A construção da 2ª Mostra vai além da equipe técnica, inclui também participantes e visitantes. Como você enxerga essas presenças?

A Mostra é feita por cada uma das pessoas que aqui está. Ela só tem essa magnitude porque inclui a participação dos atores sociais em cada um dos espaços ocupados, afinal, eles também construíram o evento. Tudo isso faz com que a 2ª Mostra seja esse evento lúdico, cultural, alegre, solidário, colorido, porque tem esse monte de gente envolvida. Isso sem contar nos mais de 4 mil trabalhos inscritos envolvendo 12.500 psicólogas (os) e estudantes. Todo esse cenário reflete a dimensão do que está acontecendo aqui nesses três dias.

A Psicologia está cada vez mais conectada com a sociedade e isso ficou evidente na Mostra. Quais atividades traduziram melhor esse contexto?

Tivemos presenças muito importantes, uma delas é a do movimento social, um parceiro nosso que é a voz da sociedade e que está presente em vários espaços da

Mostra, tanto na produção da economia solidária, como na Tenda Paulo Freire e nas mesas redondas. Outra marca forte da interdisciplinaridade da profissão foi a instalação Vladimir Herzog. Depois dela ninguém mais vai ter dúvidas de que a Psicologia deve trabalhar conectada nos direitos humanos. Quem entra naquela sala não tem dúvida que essas duas áreas precisam caminhar juntas para garantir a voz e o direito de ressignificação das pessoas, garantindo a conquista da economia e do empoderamento do ser humano.

A Mostra contou com uma série de debates e homenagens. Qual deles foi marcante para você?

Ouvir dona Djé, quebradeira de coco, foi ter o privilégio de assistir uma aula sobre a vida de uma mulher com 80 anos, antenada, que sabe o que quer. A coisa que ela falou que mais me impressionou foi: "Nós não precisamos ser assessores para nos ajudar, a gente precisa aprender a falar pela gente, precisa entender o valor do nosso produto, entender de comunicação, de internet". A indígena Valdelice Veron falando da dor dela também me tocou muito. Essas são lições que a Mostra traz para a Psicologia, uma atividade que precisa ser muito maior na compreensão desses sofrimentos para poder efetivar a construção do bem comum.

Qual será o legado deixado pela 2ª Mostra?

A Mostra não termina aqui, ela deixa o registro gravado de todas as falas e mesas. Com esse material podemos produzir uma série de livros sobre todos os



processos de trabalho apresentados. Os mais de 4 mil trabalhos inscritos também merecem um tratamento especial: estamos pensando em uma publicação online que sirva de referência para pesquisas. Isso sem contar os impactos da Mostra sobre a história da Psicologia e sobre a vida das pessoas que estão aqui, isso ainda vai reverberar muito. Para se ter ideia, a 1ª Mostra aconteceu há 12 anos e ainda repercute. Sabemos da potência do que temos, mas não sabemos dos efeitos dessa potência no futuro, isso a gente vai precisar viver para ver.

Orquestra Neojibá leva animação ao encerramento da Mostra, não perca!

A Orquestra Sinfônica Juvenil da Bahia vai se apresentar em grande estilo neste sábado (22), às 19h, após cerimônia de encerramento da 2ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia. Quase 100 integrantes subirão ao palco para a apresentação da Orquestra, que é a principal do Projeto Neojibá, programa do estado da Bahia que busca a integração social ao juntar artistas de todas as classes sociais.

"Esta é a primeira vez que tocamos em um evento assim e estamos muito honrados com o convite. Preparamos um repertório especial, com músicas da América Latina e clássicos da música brasileira, como a Tico-Tico no Fubá. Será uma experiência única e especial", afirma o percussionista da orquestra, Everdon Isidoro.

A Orquestra Juvenil já se apresentou em diversos estados do Brasil e em outros países, como Índia, Suíça e Portugal.

Sobre a Neojibá

O projeto Neojibá recebe audições regularmente e os músicos selecionados têm aulas e atividades diárias com professores de grandes orquestras de todo o mundo. Os integrantes das principais orquestras recebem bolsa auxílio para comparecer diariamente às aulas e se dedicarem aos estudos musicais. O objetivo do projeto, que conta com um núcleo de orquestras, é dar oportunidade às crianças e jovens que toquem ou queiram aprender a tocar instrumentos de orquestra.



Já tem programa para sábado à noite? Não deixe de assistir ao show desta grande orquestra, conhecida por sua animação e interação com a plateia em suas apresentações!

Integração ajudará a mudar a situação de psicólogas (os) em países africanos



A participação de representantes dos países de língua portuguesa na 2a. Mostra Nacional de Práticas em Psicologia ajudará no reconhecimento do trabalho dos psicólogos, especialmente em países africanos. Moçambique, Cabo Verde e Angola, onde a profissão ainda sofre forte resistência das populações tradicionais, e no caso de Angola, do próprio governo que adota critérios políticos nos contratos.

Esta é a visão de psicólogos dos três países que estão em São Paulo, participando do evento, no

Anhembi. "Estamos impressionados com o tamanho do evento e da variedade dos temas tratados, que nos mostram o enorme desafio que ainda temos pela frente para consolidar um trabalho tão importante como o que está sendo realizado no Brasil", afirma José Pedro, de Cabo Verde.

O presidente da Ordem dos Psicólogos Portugueses, Telmo Mourinho Baptista, destacou que com a realização do encontro de psicólogos de língua portuguesa, e agora com a realização do Encontro Nacional de Práticas em Psicologia, a integração entre os países está mais próxima.

"A meta seguinte será firmar acordo multilateral, com ênfase para a convalidação de títulos, o combate à violência sexual contra violência às crianças e temas ligados a avaliação psicológica e aos direitos humanos", anunciou.

Para o presidente da OPP, o Brasil está um passo adiante no reconhecimento da profissão não como um serviço de "luxo" ao qual poucos têm acesso e sim como uma presença necessária junto às

comunidades e na formulação de políticas públicas.

Angola está representada na mostra por Felizardo Bandera e Jovolino Kuanzambi. "Os nossos problemas são sérios, porque além de barreiras que o próprio governo impõe, enfrentamos resistências culturais, da população que muitas vezes reage à presença do psicólogo em situações que, em sua cultura, seriam enfrentadas de outra forma", explicou Felizardo. Ele disse, ainda, que o preconceito contra o trabalho do psicólogo, muitas vezes parte dos próprios médicos.

De Moçambique, estão em São Paulo os psicólogos Romulo Mutemba, Alice Miambo e Augusto Guambe. "Com a criação da Ordem dos Psicólogos Portugueses, os desafios poderão ser melhor equacionados. Em nosso país, somente os psicólogos clínicos recebem um salário melhor e são reconhecidos em sua formação de nível superior. Os que atuam em outras áreas são técnicos, como os que trabalham em educação, e por isso recebem salários mais baixos", criticou.

Debate sobre uso abusivo de medicamentos lota espaço do Ministério da Saúde

A Tenda Paulo Freire é um espaço de livre manifestação, cultura, poesia. O intuito é romper com rótulos estigmatizados na sociedade ao longo dos anos, utilizando o diálogo como fio condutor desse processo. Nessa sexta-feira (21), a pauta da roda de conversa tratou dos reflexos da sociedade do consumo: o uso abusivo de medicamentos e o cuidados dos saberes e das práticas populares.

Durante o debate, Maria Neide Martins, a Mãe Neide Oya D'Oxum, disse que utiliza o lado espiritual para manter o trabalho que faz em dois centros de acolhimento para redução de danos com usuários de crack e jovens grávidas, ambos em Alagoas. "Só

utilizamos medicamentos em último caso", disse.

A conversa sobre medicalização chamou atenção da psicóloga Nina Laurindo, que atende populações vulneráveis em Sorocaba. "Todos esses diálogos são importantes para desconstruir esse cenário e construir um novo olhar sobre esse tipo de prática", resume.

Cerca de 60 pessoas prestigiaram a roda de conversa sobre uso de medicamentos. O espaço Paulo Freire é uma marca do movimento de educação popular, com a articulação de práticas de estudantes, técnicos, professores, profissionais, gestores e militantes dos movimentos sociais.



Mostra fortalece relação entre Psicologia e movimentos sociais



Integrantes dos Movimentos Sociais passeiam pelos espaços da 2ª Mostra

O compromisso da Psicologia com as lutas sociais organizadas na sociedade está sendo reiterado durante a 2ª Mostra com a presença de representantes de organizações que integram esta grande atividade. No segundo dia do evento, uma visita guiada aos dois pavilhões do Anhembi mostrou toda a diversidade da Psicologia brasileira.

“Vivemos um momento em que é extremamente necessária a aproximação entre movimentos sociais que buscam a igualdade e a Psicologia. Isso é uma grande novidade para mim. Nós, que trabalhamos com as pessoas mais vulneráveis da sociedade, sabemos que, independente da ideologia, a rede de psicólogos que atuam na atenção a estas pessoas é grande. E esta parceria é fundamental para que a gente avance na conquista de direitos. A luta social acontece em diferentes frentes”, afirmou Justina Cima, do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC).

Após as apresentações iniciais, o grupo seguiu para a praça de países de língua portuguesa, onde, além de conhecerem os trabalhos destas regiões, puderam conversar um pouco com profissionais de Moçambique e Angola que estavam no local expondo seus trabalhos. Na sequência, a visita rumou para a Praça Latinoamericana para conferir os pôsteres dos 11 países que estão participando da Mostra. As praças com os trabalhos do Brasil também estavam no roteiro e o grupo pode comprovar a riqueza das práticas dos profissionais brasileiros. “O envolvimento da Psicologia com os movimentos sociais está dentro da visão ampla de tratar a sociedade sob a ótica da igualdade e da defesa de Direitos Humanos. Acredito que isso é uma mudança de paradigma”, disse Mário Cabral, do Movimento Indígena.

O grupo também ficou por dentro do funcionamento das ocas e, logo após, se dirigiu para o Pavilhão Norte, onde conheceu os espaços temáticos e passou pela experiência do espaço Wladimir Herzog, dedicado aos

Direitos Humanos. A psicóloga Luciana Dias, que atua na organização AVANTE, que trabalha com processos de formação e que atualmente integra a secretaria executiva da Rede Nacional Primeira Infância, contou que, quando começou sua militância social, chegou a sentir a perda de sua identidade de psicóloga, porque a relação entre prática e luta social não era clara e tampouco, reconhecida. “Eu vejo essa aproximação da Psicologia com os movimentos com muita felicidade. Já estava inscrita na Mostra para participar como profissional e fiquei surpresa quando me chegou o convite para estar aqui como representante oficial da minha organização social. Essa é uma discussão que avançou muito. É ótimo ressignificar a atuação da Psicologia neste setor. A 2ª Mostra vai impulsionar e fortalecer este processo e esta discussão”, acredita ela que afirma ainda que voltará para Salvador, na Bahia, com muito a compartilhar com seus alunos na universidade.

“A Psicologia é uma área de atuação e de conhecimento que visa pensar no ser humano e em seu bem estar. Mas vivemos em uma sociedade que insiste em criar formas de opressão e de injustiça que impede que cada pessoa viva sua vida plenamente. Então, fico muito feliz por ver o CFP e todo o Sistema Conselhos envolvidos nas lutas sociais, desenvolvendo parcerias e entendendo estas estruturas de dominação que, muitas vezes, são invisíveis”, afirmou Alexandre Ciconelo, representante do Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC).

Para a Conselheira do CFP, Marcia Mansur, esta aproximação com movimentos é importante porque a Psicologia é uma área que deve se estender a toda a sociedade e dialogar com movimentos sociais. “A Mostra vai ajudar muito a fortalecer esta relação que já vem sendo construída ao longo do tempo”, finalizou Márcia.

Neste último dia de Mostra Nacional, outros dois grupos com representantes de movimentos irão fazer visitas guiadas na Mostra.

O papel desempenhado pela psicóloga negra

Qual é o papel da psicóloga negra numa sociedade marcada pelo preconceito? O tema despertou um grande debate no painel que tratou do tema “O feminino na Psicologia: muitas e diferentes mulheres”.

A representante do Observatório Negro, psicóloga Jesus Moura, abordou a ampla mobilização que teve início com o I Encontro Nacional de Psicólogas (os) Negras (os) e Pesquisadoras (os) das Relações Raciais e Subjetividades - I PSINEP, realizado em 2010, em São Paulo. O próximo encontro será em Recife, de 21 a 24 de março de 2013.

Jesus Moura explicou que um dos principais objetivos da entidade que dirige está em fazer os profissionais compreenderem os processos psíquicos enfrentados pelas pessoas negras ao serem expostas à discriminação racial e ao racismo institucional.

“O profissional negro precisa enfrentar este desafio. Antes que qualquer atitude, nós devemos entender nós mesmas. Já é difícil ser negro, e mais difícil ainda, é assumir a identidade negra”, afirmou Jesus Moura.

A partir do encontro está se consolidando uma rede de psicólogos negros que trabalham com questões raciais, segundo explicou a psicóloga. “O I Encontro foi realizado na USP, onde sempre houve resistência no trato de questões que interessam aos psicólogos negros, mas agora a situação está mudando”, comemorou.

A psicóloga gaúcha, Eliana Xavier, durante os debates, lembrou que no Rio Grande do Sul os negros representam 16% da população, mas para o restante do país os países do Sul são passados pela mídia como estados de brancos. “Quando enxergamos esse racismo precisamos, como profissionais, saber como entender e enfrentar esse processo anti-ético”, disse.

Quer ver mais?

Visite as praças e ocas!

Tramas solidárias na 2ª Mostra

Será um divisor de águas
Este nobre aniversário
Onde a Psicologia
Tal qual raro relicário
Guardará no coração
Este ímpar cinquentenário

Os versos acima revelam mais do que uma homenagem aos 50 anos da Psicologia. Demis Santana, artista popular do estado de Alagoas, compilou em forma de cordel os fazeres da profissão, mostrando que a Psicologia não pode ser dissociada da arte e da cultura.

Os panfletos com a literatura de cordel dividem espaço com outros produtos artesanais nos estandes de economia solidária dos Conselhos Regionais de Psicologia na 2ª Mostra. O encontro acontece até amanhã (22), no Anhembi, em São Paulo.

Os produtos, mais do que características típicas dos estados, trazem consigo histórias- contadas pelas próprias artesãs - que revelam a cultura da região. É o caso do filé, renda artesanal típica de Alagoas, feita a partir de redes de pesca e cujo nome, diz a lenda, veio a partir da necessidade das mulheres de comprar o "filé" para viver.

Filé este que está agora nas blusas, cachecóis,

vestidos e roupas de cama que chamam a atenção dos participantes da Mostra.

Dos peixes e bananeiras

Bolsas coloridas e até capas de celular também lotam o estande do Amor Peixe, projeto solidário de Corumbá (MS). "O processo é complexo, passa pela costura, amaciamento, tingimento, até ter o artesanato pronto", conta a presidente da Associação, Joana de Campos. O grupo é composto de 12 mulheres que trabalham juntas, em uma casa, de segunda à sábado.

Com fibras de bananeira, homens e mulheres também se sustentam e levam adiante conhecimentos por meio do "Tecendo Fibras, Tramando Histórias", associação convidada pelo CRP-18 (MT) para mostrar sua arte no estande. São garrafas, chinelos, papéis e até casinhas de cachorro. "O artesanato é só um chamariz, mas fazemos o trabalho para ver a interação e a intervenção que podemos fazer na área da Psicologia, como a ajuda psicológica e a coesão do grupo, que vêm como resultado. Há casos de pessoas



Estande Economia Solidária apresenta o filé, renda artesanal de Alagoas.

que após iniciarem o trabalho saíram até de processos depressivos", conclui,

A alegria é imensa
Tão grande que é difícil conter
Contudo após tantas discussões
Não podemos esquecer:
"Que temos muito a comemorar",
E "muito mais a fazer"

Escolas precisam integrar estudantes, professores e psicólogos no combate à violência



Toni Reis fala sobre homofobia nas escolas.

Para combater a violência, as escolas precisam trabalhar conjuntamente com educadores, psicólogos (as), estudantes e sociedade, segundo a psicóloga e conselheira do Conselho Federal de Psicologia, Marilene Proença. Para ela, as instituições de ensino devem conhecer as formas de discriminação e procurar entender o relacionamento humano, para acabar com a discriminação.

"Nós como educadores, temos de ter clareza de princípios, como o respeito, na prática diária. Temos

de nos dar conta de que a violência existe. Por isso, é necessário fazer reunião com professores, com a comunidade, com os pais, para pensar as situações. Ver como vão entender a situação e ver o que podem fazer para estarem contribuindo para a construção da cidadania", disse após coordenar a mesa sobre Violência nas Escolas, no Pavilhão Norte do Anhembi.

De acordo com a presidente da Associação Brasileira de Ensino da Psicologia (ABEP), Ângela Soligo, a prática da escola de tirar aquilo que identifica como problema, é uma prática excludente e discriminatória. "Quando aceito um sujeito encaminhado porque não se comporta bem, porque na escola está sendo alvo de discriminação, quando trabalho só com ele, não estou fazendo refletir quem deveria refletir. É preciso repensar essa prática de jogar para fora e reportar ao outro aquilo que nos incomoda".

Para ela, toda forma de violência e desrespeito deve ser combatida. Além disso, os educadores devem conhecer bem a realidade da infância atual, para conseguir lidar com as situações. "Hoje temos

educadores que não conhecem a criança. Devemos nos contrapor ao preconceito e ficarmos atentos para, no combate ao preconceito do outro, não produzirmos os nossos próprios preconceitos".

A homofobia também é uma forma de violência que está presente nas escolas brasileiras. O presidente da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), Toni Reis, afirmou que cerca de 60% dos profissionais de educação não sabem lidar com o preconceito contra homossexuais dentro do ambiente escolar. "O professor tem de fazer uma intervenção para ensinar a respeitar. Não queremos aceitação, apenas respeito. Precisamos ter uma sala de aula onde as pessoas convivam bem".

Segundo ele, entre as consequências da homofobia na educação estão a inserção no mercado de trabalho, a desumanização e promoção da insegurança, o bullying, além do aumento de outras formas de preconceito, discriminação e violência.



Participantes da conferência que discutiu a violação aos Direitos Humanos nos tempos de repressão.

Compromisso com Direitos Humanos marca a Psicologia

Os Direitos Humanos na Psicologia ganharam força nesta sexta-feira com o debate sobre tortura, desaparecidos políticos e crimes cometidos durante a ditadura militar.

O debate, mediado pelo psicólogo Pedro Paulo Bicalho, coordenador da Comissão Nacional de Direitos Humanos, teve a participação do ex-ministro de Direitos Humanos Paulo Vanucchi, do diretor do Instituto Silvia Lane, psicólogo Marcus Vinícius, do presidente do Sindicato dos Psicólogos de São Paulo, Rogério Giannini e da coordenadora da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos, Jureuda Guerra.

O caminho percorrido pelos profissionais na promoção e defesa dos direitos humanos ao longo destes anos e, principalmente, após os anos de repressão foi o ponto comum destacado pelos participantes, que também apontaram a importância desse movimento para a história da Psicologia.

“Havia um convenção social de que a psicologia era produto supérfluo, que a psicologia era coisa de madame. Isso foi efeito da ditadura sobre a construção da profissão de psicólogo no Brasil”, disse Marcus Vinícius.

Paulo Vanucchi agradeceu ao Conselho Federal de Psicologia pela parceria nos últimos anos. “Graças a vocês, nos livramos de continuar

cometendo a injustiça de não avançar nas questões dos direitos humanos em nosso país. A Psicologia contribui com o engajamento e lucidez com que conduz a defesa das causas.”

Sobre a Comissão da Verdade, Vanucchi reafirmou que é graças a Psicologia que serão possíveis as mudanças. “O trabalho da Comissão da Verdade é a programação de novos campos de trabalho, desenhar novas mudanças necessárias é o que fará a Comissão em conexão com a Psicologia, que mantém uma rede de atuação em todas as áreas dos direitos humanos.”

Rogério Giannini destacou a percepção de que as mudanças sociais foram benéficas para a Psicologia. “Nos retroalimentamos das mudanças em prol dos direitos humanos, e isso pode ser percebido pelo avanço nas políticas públicas no Brasil”.

No estado do Pará, a Guerrilha do Araguaia e o Movimento da Cabanagem deixaram marcas na população e o acompanhamento dos profissionais tem mudado a realidade das vítimas.

“Trabalhamos com vítimas que passaram por hospitais psiquiátricos e vem sendo acompanhadas nos CAPs e para que o tratamento seja perfeito os profissionais precisam saber a fundo a história, o passado da região”, ressaltou Jureuda Guerra.



